

OBRA ANALISADA	O Conto da Ilha Desconhecida
GÊNERO	Prosa - conto
AUTOR	José Saramago
DADOS BIOGRÁFICOS	Nascimento: 16 de novembro de 1922, aldeia ribatejana de Azinhaga, concelho de Golegã, Portugal Obs: registro oficial menciona o dia 18. Desde 1993, muda-se para Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Morte:
BIBLIOGRAFIA	Poesia - <i>Os poemas possíveis</i>, 1966 - <i>Provavelmente alegria</i>, 1970 - <i>O ano de 1993</i>, 1975 Crônica - <i>Deste mundo e do outro</i>, 1971 - <i>A bagagem do viajante</i>, 1973 - <i>As opiniões que o DL teve</i>, 1974 - <i>Os apontamentos</i>, 1976 - <i>Os apontamentos: crônicas políticas</i>, 1990 Diário - <i>Cadernos de Lanzarote: diário I</i>, 1994 - <i>Cadernos de Lanzarote: diário II</i>, 1995 - <i>Cadernos de Lanzarote: diário III</i>, 1996 - <i>Cadernos de Lanzarote: diário IV</i>, 1997 - <i>Cadernos de Lanzarote: diário V</i>, 1998 Viagem - <i>Viagem a Portugal</i>, 1981 Teatro - <i>A Noite</i>, 1979 - <i>Que farei com este livro?</i>, 1980 - <i>A segunda vida de Francisco de Assis</i>, 1987 - <i>In Nomine Dei</i>, 1993 - <i>Don Giovanni</i> ou <i>O dissoluto absolvido</i>, 2005 Conto - <i>O Conto da Ilha Desconhecida</i>, 1977 - <i>Objeto quase</i>, 1978 - <i>Poética dos cinco sentidos - O Ouvido</i>, 1979 Romance - <i>Manual de pintura e caligrafia</i>, 1977 - <i>Levantado do chão</i>, 1980 - <i>Memorial do convento</i>, 1982 - <i>O ano da morte de Ricardo Reis</i>, 1984 - <i>A jangada de pedra</i>, 1986 - <i>História do cerco de Lisboa</i>, 1989 - <i>O evangelho segundo Jesus Cristo</i>, 1991 - <i>Ensaio sobre a cegueira</i>, 1995 (*) - <i>Terra do pecado</i>, 1947 - <i>Todos os nomes</i>, 1997 - <i>A caverna</i>, 2001 - <i>O homem duplicado</i>, 2002 - <i>Ensaio sobre a lucidez</i>, 2004 - <i>As intermitências da morte</i>, 2005 (*) Prêmio Nobel de Literatura, 10 de dezembro 1998, em Estocolmo. . Ficcionaliza momentos particulares da história e da cultura de Portugal (<i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>, 1944, <i>História do Cerco de Lisboa</i>, 1989) ou entrevê períodos de distopia ucrônica (<i>Jangada de Pedra</i>, 1986) e inlocalizável (<i>Ensaio sobre a Cegueira</i>, 1995,

Todos os Nomes, 1997) que dão conta de uma reversão do homem ao seu confronto necessário, e nem sempre afortunado, com a comunidade, numa escrita particularíssima que põe em relevo uma frase longa e progressivamente elaborada por uma instância autoral que emerge e não se demite do seu papel de selecionar e de julgar, assim fundamentando a idéia da criação literária.

ATENTE!!

O seu romance "Memorial do Convento" foi adaptado para a Ópera pelo compositor italiano Azio Corghi, com o título "Blimunda".

A peça de teatro "*In Nomine Dei*" foi adaptada para a Ópera por Azio Corghi, com o título "*Divara*".

RESENHA

Uma obra riquíssima que nos remete aos períodos de colonização portuguesa, da monarquia, da tirania que literalmente reinava naqueles tempos. Denota também um estado de alienação de uma sociedade frente ao diferenciado, que neste caso é a ilha e o desejo de um homem de chegar nela sendo tratado com repugnância e descaso.

O livro se inicia com um homem procurando o palácio do rei e lá faz o seu pedido, à porta deste local.

Portas que, no reinado eram muitas, mas, com a insistência deste bater é que o pedido fazia seu percurso: o 1º secretário ouvia o barulho causado pela aldabra de bronze e chama o 2º secretário. Este chama o 3º que se põe a solicitar o 1º ajudante. Daí para o 2º... até chegar à mulher da limpeza. Foi assim que aconteceu com o homem que batia à porta.

Indagado sobre o que queria, o homem logo respondeu que queria falar com o rei e instalou-se no canto da porta, à espera. A mulher da limpeza começou todo o caminho inverso da petição, mesmo tendo alertado ao homem que o rei não poderia vir. Como o homem já demonstrava sinais de que só sairia daquele local quando fosse atendido, a solicitação retornou ao 1º secretário.

Pela pragmática dessas portas, o rei jamais iria se expor a um pedido de uma pessoa que lhe traria lamúrias e fazer perder o precioso tempo real, que era destinado ao descanso e à contemplação dos obséquios. Passam-se três dias e o rei, já preocupado com o mal-estar social causado pelos curiosos que ali estavam, resolve atender o homem.

E o rei reapareceu à porta numa situação que nunca ocorrera antes, causando um espanto geral ou surpresa desmedida, como o autor utiliza. O rei mandou abrir toda a porta, a mesma que parecia intransponível. O homem não se surpreendeu com a presença do rei

como se tivesse certeza de que seria atendido. O rei, curioso e perturbado com a situação, foi logo se dirigindo ao homem, fazendo-lhe três perguntas seguidas e ferrenhas: "*Que é que queres? Por que não disseste logo o que querias? Pensarás tu que eu não tenho mais nada que fazer?*"

O homem respondeu só a primeira, dizendo que queria um barco. O rei estava, a partir deste momento, assombrado com aquilo que ouvira. Não que fosse um pedido impossível, mas por tal audácia e convicção com que foi respondido. Fica evidente então que o rei perguntaria o motivo de tal atitude. O homem disse ao rei que queria um barco para ir à ilha desconhecida. O rei segurando o riso e imaginando que estava diante de uma pessoa com perturbações mentais, já retrucou afirmando, com

uma certeza cristalizada, que não havia mais ilhas desconhecidas.

Uma discussão prolongada se inicia a partir deste momento com o homem: quem é o rei, o que é o rei com seus barcos e o que são os barcos sem o rei? A discussão é interrompida quando o homem reafirma que quer apenas o barco, nada mais que isso. É reiniciada quando há a indagação de quem seria o dono da ilha, caso o homem a descobrisse. E ele afirma ao rei que só são deles as ilhas que estão nos mapas.

Preocupado com a ansiedade que a história estava causando nas pessoas pedintes que se aglomeraram e manifestavam em favor do homem, o rei decreta que o homem iria receber seu barco, diante da confusão estabelecida. O rei afirma que dará o barco, deixando sob sua responsabilidade a tripulação. O monarquista deu ao homem um cartão assinado em que deveria entregá-lo ao responsável pelas embarcações nas docas. Ele pôs-se a agradecer ao rei e imediatamente retirou-se das escadarias, dando espaço aos outros pedintes.

A aldabra de bronze da porta bateu novamente assim que se fechou, só que, desta vez, a mulher da limpeza não apareceu para atendê-la. Tinha saído atrás do homem, decidindo abrir mão de seu trabalho no palácio, seduzida por esta tal ilha desconhecida. O homem que estava a demonstrar sua preocupação com a tripulação, mal sabia que já tinha, no seu encalço, a mulher da limpeza.

Chegando ao porto, o homem entrega ao capitão o cartão dado pelo rei que trazia a solicitação de dar um barco que navegue bem e seja seguro. O capitão pergunta a ele se sabia navegar, sendo respondido que o que haveria de ser aprendido seria no mar. Foi desaconselhado pelo capitão, que passava a indagar o motivo de tal solicitação do homem. Motivo respondido, mesmo questionamento: não existem ilhas desconhecidas.

Nesta passagem, o homem retorna o questionamento ao capitão, dizendo que se admirava de um capitão fazer tal afirmação sendo que esta seria a função dele, ou seja, ele é que devia procurar ilhas. O capitão escolheu então o barco que levaria o homem à ilha desconhecida. O fato curioso que acontece nesta passagem é a euforia da mulher da limpeza, que gritou que era o seu barco quando o capitão o designou. Era justamente o barco de que ela mais havia gostado, espontaneamente.

O homem, diante de tal fato pôs-se a recordar que era aquela mulher da limpeza do palácio do rei que reivindicava o direito de ir com ele até a ilha desconhecida. Observando e confirmando a decisão que a mulher havia tomado, solicitou-lhe que examinasse aquela espécie de caravela que lhe fora concedida. Entregue a chave do barco pelo capitão, a mulher da limpeza responsabilizou-se pelas primeiras tarefas. E o homem partiu em busca de sua tripulação.

A mulher da limpeza então foi começar a preparação daquilo que seria o transporte para a ilha desconhecida. Tirou os ninhos de gaivota que se encontravam no barco (o que gerou uma intensa batalha com as gaivotas), abriu o paiol das velas e começou a

costurá-las e preocupou-se com o que iria servir ao

homem, quando ele voltasse de sua busca pela tripulação.

Mais tarde, o homem apareceu no extremo do cais carregando um embrulho, cabisbaixo e sozinho. O embrulho era a comida para os dois e dizia que não conseguiu trazer ninguém para ir com eles à ilha desconhecida.

O homem se recusava a falar com as pessoas sobre uma ilha que nem ele conhecia, mas tinha certeza de que ela existia, tanto quanto a certeza de que o mar é tenebroso. Ele inclusive rejeita a opção oferecida pela mulher da limpeza de morar ali, afirmando que teria que chegar à ilha desconhecida. "(...) Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa" Passado este diálogo, o homem volta seus olhos para a

embarcação que acabara de conseguir. Ela estava arrumada pela mulher da limpeza, que inclusive indicou alguns detalhes que ainda precisavam ser acertados, no que tange ao aspecto físico e prático da caravela (barco). O homem admirado olha, repara e diz que é bonita; mas que, se não conseguisse arrumar tripulantes, teria que devolvê-la ao rei. Imediatamente é retrucado pela mulher que propõe um tempo para esta tentativa. Concretizada ou não, eles decidiram que

iriam se lançar em busca da ilha desconhecida. Apesar do risco, esqueceram o assunto e puseram-se a comer o que o homem havia trazido. Pão, queijo duro e de cabra, azeitonas e uma garrafa de vinho. Esta era a refeição que seria feita sob a luz do luar, reluzente no mar.

Durante este evento, repararam ainda mais na caravela que era dos dois, ou do homem apenas. E começaram a planejar quando e como sairiam para aquela que seria a mais incrível viagem de suas vidas.

De repente, a luz do luar refletiu diretamente no rosto da mulher (onde, no próprio texto, pela primeira vez a mulher da limpeza foi tratada como mulher). A beleza agora já não era mais da caravela. Acabou-se o jantar e veio o sono do dia estafante. Até amanhã, foi a despedida utilizada por ambos, inicialmente. A mulher, porém voltou, pois esquecera de tirar o avental e de buscar velas para iluminar o local onde iria dormir, a poucos metros do homem. E foi ele quem acendeu a vela e novamente a luz foi ao encontro do belo rosto da mulher. O homem vê-se perturbado por um desejo comum aos homens quando estão sozinhos com uma mulher.

Automaticamente os refutou, já que só tinha olhos para a ilha desconhecida. A despedida acontece mais uma vez: a mulher disse para ele dormir bem e ele desejou a ela bons sonhos. Imaginando sobre a situação e o seu desejo diante da mulher, foi-se o homem dormir e logo começou a sonhar.

O sonho basicamente era assim: este homem que pediu o barco ao rei agora estava no seu comando, em alto mar. Atrás do leme, deparou-se com a tripulação que foi buscar e que agora estava no barco, auxiliando-o. Via também vários animais, frutas e vegetais; um grupo de mulheres, as quais eram cortejadas pelos rapazes, faziam-se ali presentes também. Porém, o homem não via a mulher da limpeza. Pensou que ela não estaria lá pelo fato de apenas querer a ilha desconhecida.

Enfim, o homem mal acreditava naquilo que estava acontecendo, mas evidente, estava sonhando. Ele então a avista: é ela, a ilha desconhecida. Foi informado que aquela era uma ilha que constava no mapa e, pressionado pela tripulação, não teve outra alternativa a não ser desembarcar nas docas daquela ilha. Relutou em descer do barco, queria muito a ilha desconhecida. Depois de um tempo, desceu do barco e deparou-se com sua própria sombra. E acordou... Acordou abraçado à mulher, confundidos os corpos e as beliches. O sol nasceu e os dois puseram-se a pintar na proa do barco o nome da caravela. "Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma"

A obra de Saramago, através de uma descrição, aponta uma saída para o desejo de um homem. Ressalta-se que só há vida se houver desejo e, mesmo que esse desejo se formalize, surgirão outros para serem realizados, como num processo quase simultâneo.

ilha desconhecida = ilha do desejo

O homem queria um barco para ir à ilha desconhecida, conseguiu e acabou criando outros desejos.

O pedido do homem ao rei, descrito por Saramago, nada mais é do que um pedido para ir ao encontro do desejo, livre da repetição.

Para que sair da terra firme, da terra das repetições, para lançar-se numa aventura que ninguém sabia se existia? Porém, o homem desafiou tudo isso, pois sabia do seu desejo e lutou mesmo diante das adversidades que teve; como a de não ter esta tripulação, contar com um barco velho que mais parecia uma caravela e com a descrença de todos a não ser da mulher da limpeza. Por que a mulher da limpeza quis ir com ele? A busca da ilha desconhecida era algo de novo para ela. E o desejo aí foi mais forte.

Durante a obra, percebemos que, na busca de ir à ilha desconhecida, o homem chegou à realização de um desejo. Primeiro sonhou. Para a Psicanálise, são nos sonhos que o desejo é satisfeito. E ele foi mesmo: não o de chegar à ilha desconhecida, mas o de buscar a si mesmo. Numa forma mais clara de abordar isso, podemos dizer que o desejo do homem era a ilha desconhecida, mas ele foi realizado quando viu sua própria sombra no sonho. Na obra não há informações de que eles chegaram ou chegarão à ilha desconhecida. Porém, foram em busca dela, ou seja, em busca de si mesmos. Sabiam das dificuldades, mas também do mais importante: sabiam dos seus desejos. Se existem ou não ilhas desconhecidas, no percurso é que se dá nossa vida.

Todos nós vivemos em uma ilha bastante conhecida até em seus mínimos detalhes. Somos criados para sermos educados, gentis, éticos, desde quando estávamos na nossa formação familiar (lei). Estamos todos em um mesmo barco, em busca da felicidade.

Percebemos aí um discurso, no mínimo, utópico.

ESTILO DE ÉPOCA

Pré-Modernismo

No início do séc. XX, havia um sentimento geral de que não era mais possível renovar a arte tradicional. As escolas literárias repetiam suas fórmulas. A superficialidade convivia com a crença de que a evolução tudo comandava e pouco cabia ao homem nesse processo.

Esse movimento forte e amplo viria dar fim a este marasmo e implantar o inconformismo.

É como se o modernismo tivesse vencido uma guerra e o moderno veio ocupar e cultivar o espaço conquistado.

Não há mais tendências definidas.

Características

- atitude irreverente em relação aos padrões estabelecidos;
- reação contra o passado, o clássico e o estático → a sedução pela alteração e correção dos acontecimentos do passado
- temática mais particular, individual e não tanto universal e genérica;
- preferência pelo dinamismo;
- busca do imprevisível e insólito;
- abstenção do sentimentalismo fácil e falso;
- comunicação direta das idéias: linguagem cotidiana;
- esforço de originalidade e autenticidade;
- interesse pela vida interior (estados de alma, espírito)
- valorização do prosaico e bom humor;
- liberdade de forma => indiferenciação de modalidades narrativas
- o gosto da reescrita e da paródia
- o gosto do fantástico
- a recusa das axiologias
- tendência para o aleatório

Obra rica e poderosa nas palavras, sábia e perspicaz de sentidos.

Períodos longos; na maioria, coordenados.

Discurso Direto: sem os sinais de pontuação normalmente empregados – dois pontos, travessão; só há os verbos dicendi.

Há ausência de pontuação também nas perguntas, nas interjeições.

Alguns empregos de linguagem informal: “estivesse de maré”, Em compensação, utiliza recursos da norma culta: consonância, por exemplo. Confira: “...
Porque a cadeira de Palhinha era Muito Mais baixa que o trono, o rei estava a Procurar a Melhor Maneira de acoModar as Pernas.”

INTERTEXTUALIDADE

Talvez você nunca escute essa frase em seu sentido original: no cais, aos pés de uma escada, coração acelerado, pronto para embarcar rumo ao desconhecido.

Pelos livros você pode cruzar os mares em veleiros e vapores, visitar ilhas no sul do Pacífico, subir o rio Mississippi, descer o Nilo, sobrevoar Nova Iorque no

Zepelim ou fugir de uma guerra no cesto de um balão.

A vida é a principal [viagem](#) humana – um percurso variado e incerto com destino único e sabido. Dentro dela, milhões de viagens fragmentadas que se iniciam com despertares e adormeceres; em plataformas e calçadas; elevadores...
Por mais longa que seja, a viagem é sempre um percurso.
Portanto, atenção, senhores passageiros! Verifiquem seus bilhetes! Confiram seus destinos! Despachem suas malas! Carreguem suas bagagens!
Todos a bordo?

Relacionar textos de Guimarães Rosa, de Dalcídio Jurandir e de José Saramago com fatos da vida contemporânea.

DALCÍDIO JURANDIR – o MAGO DO MARAJÓ

O escritor tem a magia de um mago, a palavra é mágica, encanta quem mergulha nas águas desse arquipélago ou no toque do caroço de tucumã que nos leva para o mundo de Dalcídio.
Por utilizar uma temática ligada ao cenário natural e aos costumes bem primitivos da ilha de Marajó, na Amazônia, onde nasceu, o romancista [DALCÍDIO JURANDIR](#) ocupa um lugar peculiar entre os regionalistas brasileiros de sua época.

Autor de períodos longos (quando o contexto pede e isso interessa ao narrador), de estilo encharcado, semanticamente norteado pela poética das águas amazônicas.

Análise comparada: *O Conto do Nadador*, de Lídia Jorge, literatura juvenil, 1992 com nossa obra.

Montagem teatral - peça *O Conto da Ilha Desconhecida* - Cia Elevador de Teatro
Panorâmico - Teatro SESC Anchieta – infantil

A peça mostra um reino onde todos estão preocupados em presentear o rei. Entre os habitantes, há um homem que pede ao soberano um barco para realizar seu sonho: encontrar a Ilha Desconhecida.

VISÃO CRÍTICA

A carreira de Saramago tem sido acompanhada de diversas polêmicas. As suas opiniões pessoais sobre religião ou sobre a luta internacional contra o terrorismo são discutidas e algumas resultam mesmo em acusações de diversos quadrantes. Logo após a atribuição do Prêmio Nobel de Literatura (1998), o Vaticano repudiava a atribuição da honraria a um "comunista inveterado".

Um caso que tem tido alguma repercussão relaciona-se com a posição crítica do autor em relação à posição de Israel no conflito contra os palestinos. Por exemplo, a 13 de outubro de 2003, numa visita a São Paulo, em entrevista ao jornal *O Globo*, afirmou que os judeus não merecem a

simpatia pelo sofrimento por que passaram durante o Holocausto... Vivendo sob as trevas do Holocausto e esperando ser perdoados por tudo o que fazem em nome do que eles sofreram parece-me ser abusivo. Eles não aprenderam nada com o sofrimento dos seus pais e avós.

Muitos foram os prêmios, as condecorações. 1985

Condecorado Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada. É-lhe atribuído o Prêmio da Crítica pelo conjunto da sua obra.

Prêmio Nobel, por quê??

1933, aos 11 anos, o seu primeiro livro, *O Mistério do Moinho*, de um autor inglês, é-lhe ofertado por sua mãe. 1940 - é um freqüentador noturno da Biblioteca do Palácio das Galveias, donde, sem nenhuma instrução, lê tudo o que pode. A leitura é realmente o melhor veículo.

1991

Publica aquela que foi, talvez, a novela mais polêmica de toda a sua obra, *Evangelho segundo Jesus Cristo* e recebe o Grande Prêmio de Novela da Associação Portuguesa de Escritores.

A arte romanesca multifacetada e obstinadamente criada por Saramago, confere-lhe um alto estatuto. Em toda a sua independência Saramago invoca a tradição que, de algum modo, no contexto atual, pode ser classificada de radical. A sua obra literária

apresenta-se como uma série de projetos onde um, mais ou menos, desaprova o outro, mas onde todos representam novas tentativas de se aproximarem da realidade fugidia.
